

# Uma lição maior do que a dor

MARCELO ABREU

DA EQUIPE DO CORREIO

**E**ra 1967. Brasília engatinhava. Tudo ainda era incerto. E imprevisível. O cerrado fechado da nova capital assustava. Na pediatria do Hospital de Base de Brasília (HBDF), surge uma pequena tentativa de dar mais dignidade às crianças ali internadas. Para que não perdessem o ano letivo, voluntários se dispuseram a ensinar o conteúdo das escolas. A experiência, desenvolvida nos Estados Unidos, deu certo no Planalto Central.

Trinta e sete anos depois, o que era uma tentativa embrionária, sem nenhuma garantia de que iria prosseguir, virou realidade. Agora não mais com voluntários. Professores da rede pública transformaram pequenos leitos em verdadeiras salas de aula. A escola invadiu o maior hospital público do Distrito Federal.

Numa parceria entre as Secretarias de Saúde e Educação, crianças e adolescentes internadas no HBDF não abandonam as atividades curriculares. Acompanham o conteúdo regular e fazem provas. Como se nas escolas estivessem. Aliás, para frequentar as salas de aula dos hospitais, a criança precisa estar matriculada na rede de ensino.

A Secretaria de Saúde providenciou o espaço. A da Educação cedeu os professores do ensino especial. E, assim, os pacientes internados nas mais diferentes clínicas — da neurologia à hematologia — podem ser acompanhados e avaliados por professores especializados.

## Mundo da fantasia

No sexto e sétimo andares do HBDF — respectivamente na cirurgia pediátrica e na nefrologia, que atendem crianças com síndromes crônicas — os corredores estão pintados com desenhos nas paredes. Neles, um mundo lúdico se mostra. E se lê, na parede: “*Você quer ajudar a encontrar 10 peixinhos escondidos no mar?*”. A historinha continua, ao longo do corredor. É uma viagem ao mundo da fantasia.

Para as crianças mais novas, ali é o jardim de infância. Por algum momento, elas até esquecem que estão num hospital. Esquecem o drama pessoal. As agulhadas. E a dor, que insiste em derrubá-las. O que mais comove é vê-las sorrindo, segurando o soro ou o tubo de oxigênio, a caminho da sala de aula.

Recentemente, a multinacional francesa Sanofi Synthlabor — que produz medicamentos para adultos —, adotou a escolinha do HBDF. O lugar se transformou. O espaço foi todo pintado e

Fotos: Wanderlei Pozzembom



À ESPERA DE UM TRANSPLANTE DE CORAÇÃO, A PEQUENA THAYENE DOS SANTOS (NE FRENTE) SE ALEGRA COM OS TRABALHOS DE QUEBRA-CABEÇAS



RECÉM-OPERADO DE UM TUMOR NO TÓRAX, SILVÂNIO VIEIRA JÚNIOR (E) DESCOBRIU NAS TINTAS A SUA VOCAÇÃO

decorado por uma artista plástica que veio de São Paulo especialmente para realizar o trabalho.

Mesinhas, armários, brinquedos, material didático, tudo foi doado pela multinacional. A enfermaria fria virou escola. As crianças internadas pediam para estudar. Queriam pintar, desenhar, ouvir histórias. O lugar lotou. Hoje, somando os pacientes

do clínicas do 6º e 7º andares, O HBDF fechou o mês de março com 122 alunos. Cada mês, por causa das altas hospitalares — e inevitavelmente das mortes — o número varia muito.

## Amor à causa

Thayene Correia dos Santos, de 5 anos, passou a manhã de ontem pintando e mexendo no

quebra-cabeça. Internada no 7º andar, ela sofre de cardiomiopia dilatada e aguarda um transplante de coração. “Ela estava meio deprimida e quietinha porque não conseguia vir à sala de aula. A gente falou com o médico, ele liberou e ela veio, mesmo tomando a medicação venosa”, conta a professora Esmeralda Franio, de 43 anos.

“**QUANDO OS ALUNOS VÊM PRA CÁ, A GENTE PERCEBE QUE ELES MELHORAM A AUTO-ESTIMA E O ESTRESSE EM QUE VIVEM DIMINUI**”

*Esmeralda Franio, professora cedida ao HBDF pela Secretaria de Educação*

Há seis anos, Esmeralda trabalha, cedida pela Secretaria de Educação, na escola do HBDF. Fez dali a sua luta diária. “Quando os alunos vêm pra cá, a gente percebe que eles melhoram a auto-estima e o estresse em que vivem diminui”, avalia.

A professora Crishna Morelo, de 34 anos, também fez da escolinha do 7º andar do hospital sua

paixão: “Quando um aluno morre, a tristeza nos abate. Mas temos que ser fortes. Outros precisam da gente”. E assim, se administra vida e morte dentro daquele lugar.

No 6º andar do HBDF, na outra escola — que foi adotada pela TBA Informática —, o adolescente Silvano Vieira Júnior, de 15 anos, dá um show de talento e superação. Recém-operado de um tumor no tórax, ele descobriu no pincel e nas tintas sua maior vocação. Pintou vários quadros. “Fiz um campo com crianças brincando. Gosto de desenhar coisas alegres. Imagens tristes lembram coisas tristes. Prefiro a alegria”, diz. A professora Almem Pereira, de 45 anos, é sua maior incentivadora. Vibra com seus trabalhos. Encoraja-o.

## Projeto de leitura

Em quase toda a rede hospitalar — com exceção do Hospital do Gama, onde Almem Pereira se aposentou, e no Hospital de Brasília, em que uma reforma afetou o espaço da escola — existem salas de aula para os pacientes.

No Hospital Regional de Taguatinga (HRT), toda quarta-feira está sendo desenvolvido um projeto de leitura. Médicos dedicam uma hora de seu tempo a ler historinhas para as crianças. “Uma vez, emocionado, um médico percebeu que os olhinhos de um menino brilhavam pra ele. E não era de medo, mas de emoção”, conta, também emocionada, Angélica Diniz, de 39 anos, professora da Secretaria de Educação e coordenadora das classes hospitalares.

No HBDF, Thayene, a menina do Vale do Amanhecer que espera desesperadamente por um coração, faz cara de moleca, sentada à mesinha da sala. Sorri, meio encabulada. Insiste em aprender mais. Pergunta o que não entende. “Se eu gosto daqui? Adoro brincar de costurar”, responde.

Só por esse sorriso, já teria valido a pena qualquer tentativa de se reproduzir, entre seringas e macas, um modelo de escola. O sorriso de Thayene é a certeza de que a escolinha cumpriu, naquele lugar, sua verdadeira função.

## COMO AJUDAR

*Todas as escolas estão sempre precisando de doações: material escolar, móveis, brinquedos, computadores. Contato: Hospital de Base — 325-4401 e 325-4683. Salas de aulas dos demais hospitais: 213-6565.*